

HALCRO DM8/58

Halcro: o orgulho da tia Aussie

Tera honra de testaros amplificadores de origem australiana Halcro dm58, considerados pela nata da crítica mundial como os melhores-do-mundo-ponto-final-parágrafo, corresponde a entrevistar em rigoroso exclusivo Russell Crowe

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

A COMPLEXIDADE TECNOLÓGICA É TAL QUE seriam necessárias várias páginas para aflorar apenas os principais aspectos da sua construção. Assim, optei por uma abordagem puramente lúdica adequada ao espírito do DNA e incidindo na experiência emocional que vivi nas últimas semanas. Felizes os poucos que podem pagar as dezenas de milhares de euros para os possuir. Porque os Halcro são hoje por muitos considerados como a experiência áudio definitiva. A famosa revista «The Absolute Sound» afirmou serem estes os «melhores amplificadores de sempre» e a rival «Stereophile» chegou a pensar na hipótese de criar uma categoria especial para o classificar. Muito antes disso, já eu tinha chamado a atenção nas minhas reportagens para a existência de algo no mundo do áudio que desafiava a imaginação: como descrever esta nova sensação auditiva?

A expectativa criada era tanta que protelei durante meses a experiência, apesar da amável insistência de João Cancela, da Esotérico, que deixou transparecer com a arriscada iniciativa de os importar a sua verdadeira alma de audiófilo camuflada pela visão pragmática do mercado patente na representação de marcas tão populares e acessíveis como a NAD e a ARCAM. Mesmo depois da entrega, deixei os enormes caixotes na garagem durante uma semana. Sentia-me como alguém a quem tinham emprestado um Ferrari para dar uma volta e tinha receio de não ter unhas e de se estampar na primeira curva.

Os Halcro são diferentes em tudo, até na sua «verticalidade». O melhor é olharem para a foto para não ocuparmos muito tempo com descrições estéreis. Quando os integrei no meu sistema e ouvi o primeiro disco compreendi de imediato porque motivo a sua primeira apresentação em Portugal não tinha tido o sucesso esperado. Os Halcro redefinem o conceito de neutralidade, tantas vezes erradamente confundida com falta de carácter. O Krell FPB 400cx, por exemplo, é muito mais visceral e autoritário na forma como aborda a música, em especial nos registos graves. Pouco a pouco, os Halcro foram, contudo, revelando não o seu «carácter» antes expondo abertamente o «carácter» dos que o rodeavam, permitindo identificar com facilidade a presença de cabos Siltech, Transparent Audio ou Nordost: mais «enfáticos» e dinâmicos os primeiros, rítmicamente coerentes os segundos e de uma pureza absoluta os últimos (modelo Vahlhalla). O patamar de ruído dos Halcro mergulha tão fundo no negrume do silêncio (Bruce Candy, o genial projectista, garante 99,9999% de fidelidade à máxima potência!) que mesmo com os controlos de tonalidade do prévio McIntosh C2200 na posição zero (12 horas) é possível ouvir a diferença entre circuito «activado» e «desactivado». A passagem para o prévio Halcro dm8 tornou também evidente a diferente textura harmónica do cone e do painel electrostático das Martin Logan Odyssey na zona de transição. Até o Krell FPB 400cx denunciou que afinal o seu som é composto de três partes; excelentes todas, sem dúvida, mas ainda assim distintas: o poder dos graves e a energia dos agudos sobrepõem-se à presença dos registos médios e roubam-lhes um tudo nada de corpo, soando assim mais finos por comparação. Creio mesmo que é esta saudável robustez da «grande-gama-média» dos Halcro que os distingue dos amplificadores convencionais. Discos em que o oboé e a flauta pareciam sofrer de uma desagradável modulação no agudo soaram como se a estrutura harmónica ti-

vesse sido milagrosamente restituída e o agudo recuperasse o suporte original das frequências médias. Pelos padrões krellianos, o grave dos Halcro revela uma «parcimoniosa secura» mas a definição, articulação, ritmo e, em especial, o entrosamento acústico e total harmonia da paleta cromática dos sons de baixa frequência cedo embalam o ouvinte na sublime narrativa do processo musical em curso. O que mais impressiona nos Halcro é a velocidade e a dinâmica: do sussurro sensual à explosão de sentimentos vai o tempo de um momento.

Houve quem afirmasse que os Halcro vieram pôr fim à velha dicotomia válvulas/transistores. Não sou da mesma opinião: há amplificadores a válvulas e a transistores, e há os Halcro. Ou seja: ouvir os Nagra VP50, o Krell FPB 400cx e os Halcro dm58 são experiências tão estimulantes como diferentes. Tanto que, se um deles estiver absolutamente certo, os outros dois só podem estar errados... c



Halcro dm8/58, o Russell Crowe do som

UM ADEUS AUDIÓFILO

Este é o último artigo que publico no DNA. Quis assim despedir-me dos meus leitores fiéis com algo de muito especial e termino como comecei: em grande. Tentei manter a fasquia muito acima da mediocridade temática que grassa na nossa imprensa, rádio e televisão a reboque das «audiências», contrariando as pressões para me tomar mais «abrangente» e «popular».

«Sons» nunca pretendeu ser um guia do comprador: o objectivo não era vender mas informar e divertir. O fenómeno do áudio foi sempre abordado numa perspectiva sociocultural e não comercial. «Sons» publicou em primeira mão as notícias da existência do Super Audio CD, DVD-Audio e Blu-Ray e revelou novas tecnologias e protótipos de modelos de colunas, amplificadores e outros componentes hi-fi que só surgiram no mercado um ano depois, abrindo um pouco da cortina dos bastidores da indústria.

«Sons» regressa agora semanalmente ao seu habitat natural: «DNMais», o legítimo herdeiro do suplemento «Compacto». E, claro, podem encontrar-me a qualquer hora do dia ou da noite em www.hificlube.net. J.V.H.

Para informações detalhadas contacte: Esotérico, tel. 21.983.89.44/ 91.959.07.64. www.esoterico.pt